

## UMA ATUAÇÃO OCULTADA: JOEL MARTINS NO CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DE SÃO PAULO (1956-1959)

Samir Ahmad dos Santos Mustapha\*

[lattes.cnpq.br/2421317300647433](http://lattes.cnpq.br/2421317300647433)

**Resumo:** Este texto pretende apresentar a atuação intelectual de Joel Martins, educador formado na Universidade de São Paulo, que, entre 1956 a 1959, foi diretor da Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais e, depois, da Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério, no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo a convite de Fernando de Azevedo, primeiro diretor da instituição. O artigo analisa pesquisas desenvolvidas sobre sua trajetória e detecta que esta experiência profissional não foi retratada nos estudos. Ao analisar o diálogo por meio de cartas que Joel Martins teve com Fernando de Azevedo, após sua saída da instituição, procurou-se compreender os motivos que levaram o intelectual ocultar essa atuação, considerando que esse cargo credenciou ao convite para trabalhar na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

**Palavras-chaves:** Joel Martins; Fernando de Azevedo; Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo.

### A HIDDEN ROLE: JOEL MARTINS AT CENTRO REGIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DE SÃO PAULO (REGIONAL CENTER FOR EDUCATIONAL RESEARCH OF SÃO PAULO) (1956-1959)

**Abstract:** This paper aims to introduce the intellectual role of Joel Martins, educator trained at *Universidade de São Paulo* (University of São Paulo), who, between 1956 and 1959, was director of *Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais* (Division of Educational Studies and Research), and later of *Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério* (Division of Magisterium Improvement), at *Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo* (Regional Center for Educational Research of São Paulo) invited by Fernando de Azevedo, who was the first director of the institution. This article analyzes research based on his trajectory and detects that this professional experience was not approached in the previous studies. When analyzing the dialogue through the letters that Joel Martins exchanged with Fernando de Azevedo after leaving the institution, it was possible to understand the reasons that caused the

\* Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP (Brasil). Contato: [mustapha.samir@hotmail.com](mailto:mustapha.samir@hotmail.com).

---

scholar to hide this role, considering that this position led to the invitation to work at the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO).

**Keywords:** Joel Martins; Fernando de Azevedo; Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo.

\* \* \*

## Introdução

Na História da Educação Brasileira, em especial na área da Psicologia Educacional, o intelectual Joel Martins (1920-1993) teve presença importante na construção do campo científico com estudos sobre o Existencialismo e Fenomenologia.

Além disso, foi protagonista na organização e consolidação da pós-graduação em Educação no país, atuando como professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a partir da década de 1960.

Segundo informações da trajetória do intelectual retiradas de Bicudo (2002), Saviani (2005) e em entrevista desenvolvida por Silva (1993), para sua tese de doutoramento, foi possível apurar informações importantes sobre sua biografia.

Joel Martins foi licenciado e bacharel em Pedagogia e Filosofia pela Universidade de São Paulo na década de 1940. Teve também experiência entre 1940 e 1942 atuando no Departamento de Educação da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Posteriormente, fez mestrado nos Estados Unidos, entre 1949 e 1950. Ao voltar ao país foi convidado pela professora Noemy Rudolfer para ser auxiliar na Cadeira de Psicologia da Aprendizagem, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Assim rememora o convite:

Ao voltar para o Brasil, a professora, Noemy Rudolfer, me chamou para a Universidade, para a Faculdade de Filosofia, para eu ser auxiliar extra-numerário. Quer dizer, começo de carreira na Universidade era: você trabalhava, não ganhava quinquênio, não ganhava coisa nenhuma; ganhava o “prestígio”,

o título de extra-numerário, carregava livros para o professor, dava aulas que ele não podia dar, etc; aquelas coisas que você sabe como o professor se aproveita do trabalho de um “coitado”, de um “escravo” [risos] (MARTINS, 1993, p. 7).

O almejar acadêmico era a opção daqueles profissionais que acabavam vinculados ao trabalho de uma cátedra da Universidade. Fez, dessa forma, doutorado entre 1951 e 1953 em Psicologia da Educação, onde desenvolveu pesquisa em Psicologia Experimental, com orientação da teoria behaviorista. Em entrevista, o intelectual critica que, naquele tempo, não existia ambiente científico na Universidade para o tipo de pesquisa que pretendia fazer:

Pois é, isso já era então, em 1950-51 e eu trabalhei 51-52. Eu voltei a estudar e fiz o Doutorado aqui na Universidade de São Paulo e foi um desastre! Mas um desastre membro, tremendo! Eu só me desapontei, de princípio a fim. Ainda que eu estivesse muito interessado nessa pesquisa empírica, com ratos brancos, com esses ratos lá na escolha de alternativas, etc., não havia quem tivesse visto um laboratório de psicologia experimental, não havia quem! Nem o professor catedrático, nem os outros! (MARTINS, 1993, p. 7, grifos do autor).

Para aperfeiçoar seu estudo e sanar os problemas que, segundo o autor, teve em sua formação no país, voltou a estudar nos Estados Unidos, na Universidade de Michigan, em Ann Arbor, entre 1953 e 1954, para fazer pós-doutorado. O intelectual, ainda pertencente como assistente da Cadeira de Psicologia Educacional, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, teve um importante intercâmbio cultural e científico que contribuiu para seu reconhecimento no campo acadêmico.

Nos trabalhos que retratam sua trajetória profissional, não existe menção direta aos anos posteriores, quando recebeu o convite para dirigir a Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais (DEPE) no Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (CRPE-SP) entre os

anos de 1956 a 1959. Esta instituição foi fundamental para sua atuação junto a órgãos internacionais nos primeiros anos da década de 1960<sup>1</sup>.

Sua trajetória de formação na Universidade de São Paulo e a experiência internacional, em sintonia com as tendências científicas em circulação na época, o credenciaram a ser convidado para o cargo por Fernando de Azevedo.

Essa atuação foi apagada de suas memórias. A única menção encontrada sobre o CRPE-SP foi para explicar a indicação de trabalho na UNESCO, comentando que o convite decorreu de um projeto que havia elaborado, algum tempo antes “sobre a preparação de pesquisadores para a América Latina” (Silva, 1993, p.10)<sup>2</sup>. A seguir, serão apresentados alguns elementos de sua trajetória em documentos que esboçam o trabalho desenvolvido no Centro de pesquisas e os conflitos dentro deste contexto.

## **O Centro Regional de Pesquisas Educativas de São Paulo**

Em 1956, Fernando de Azevedo recebeu convite para dirigir o Centro Regional de Pesquisas Educativas de São Paulo, dentro do projeto maior que era o Centro Brasileiro de Pesquisas Educativas (CBPE), dirigido por Anísio Teixeira no Rio de Janeiro<sup>3</sup>. Neste momento,

---

<sup>1</sup> Entre as pesquisas que detalham o ambiente e produções no Centro Regional de Pesquisas Educativas de São Paulo, destacamos os trabalhos de Ferreira (2001) e Gonçalves (1996).

<sup>2</sup> Os cursos de formação de especialistas em educação, que Joel Martins menciona, foram desenvolvidos no âmbito do CRPE. Sobre o assunto, ver Maluhy (2010).

<sup>3</sup> Em 1955 surge o CBPE, fundado por um grupo liderado por Anísio Teixeira, então diretor do INEP, que assume também a direção desta nova instituição. Além do núcleo central no Rio de Janeiro, foram criados centros regionais nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Minas Gerais. Os projetos e as pesquisas desenvolvidas tiveram financiamento e adesão de instituições internacionais, tais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). No Brasil, a expressão internacional do projeto efetivou-se com a vinda de intelectuais como Charles Wagley, Otto Klineberg, dentre outros. Sobre a criação

em São Paulo, um grupo de intelectuais de Ciências Sociais que ganhava espaço na academia deu apoio à instituição em formação<sup>4</sup>.

O projeto de criação do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo é fruto de um ambiente no qual estava se desenvolvendo e constituindo instituições científicas na cidade de São Paulo.

O CRPE-SP era constituído por seções administrativas e por três setores responsáveis pelo planejamento e realização dos objetivos demarcados nos estatutos do órgão. Eram eles: a Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério (DAM), a Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais (DEPE) e a Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais (DEPS). Segundo Ferreira (2001), o DEPE e o DEPS estavam encarregados de planejar e coordenar o andamento das pesquisas, aproveitando as possibilidades de intercâmbio advindos do Departamento de Sociologia e Antropologia e do Departamento de Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

Como mencionado anteriormente, Joel Martins inicialmente se tornou diretor do DEPE. Nessa função participou da organização do I Seminário de Professores Primários, em parceria com as Secretarias da Educação dos Estados de São Paulo e Paraná. E desenvolveu também no órgão o intercâmbio de alunos do curso para os Estados Unidos.

Quanto às atividades de pesquisas, o CRPE procurou desenvolver de dois modos seu programa neste setor: realizando análises através de suas Divisões de Estudos e Pesquisas Educacionais e Sociais e financiando o trabalho de estranhos ao seu quadro (Pesquisa e Planejamento, 1957, p.109). O interessado para obter financiamento de uma pesquisa deveria apresentar o projeto para ser julgado pelo Conselho de Administração da instituição, mas com foco nos aspectos positivos e deficiências das instituições escolares.

Com essa orientação, foram então organizados projetos de quatro pesquisas. Duas desenvolvidas por levantamento que impunha um

---

do CBPE e seus vínculos com outras instituições, consultar os trabalhos de Cunha (1991), Xavier (1999), Gouvêa (2008).

<sup>4</sup> A emergência das cátedras de Sociologia da Universidade de São Paulo na década de 1950 são analisadas por Pulici (2008).

trabalho conjunto das duas Divisões e que exigiam a colaboração de especialistas nos diferentes ramos das ciências humanas. Porém, a distribuição de tarefas estava restrita à Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais. As demais, uma no campo da Psicologia e outra no da Pedagogia seriam realizadas pela Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais (Pesquisa e Planejamento, 1957, p. 109).

O trabalho de formação de técnicos interessara Joel Martins. Logo após o primeiro ano de atividades do CRPE/SP, o intelectual migrou para a recém-inaugurada Divisão de Aperfeiçoamento do Magistério (DAM), onde ficou de 1957 a 1959. Na vaga aberta na direção do DEPE, assumiu em seu lugar Dante Moreira Leite.

Na nova frente de trabalho, Joel Martins organizou e administrou o I Curso de Aperfeiçoamento de Especialistas em Educação para a América Latina, que teve grande repercussão na imprensa. O coordenador, além das funções administrativas, ficou com a função de promover o entendimento com as divisões de pesquisa, para distribuir os alunos pelas diferentes equipes ocupadas nos trabalhos. A partir dos resultados do primeiro curso de formação, escreveu o artigo “Análise de objetivos como necessidade da programação escolar”, ao lado de Hilda Taba, professora americana especialista em currículo.

Na segunda edição da revista Pesquisa e Planejamento, do CRPE/SP, a equipe gestora apresentou um balanço do primeiro ano de atividades e as mudanças mencionadas:

Três cursos já se realizaram com grande êxito no Centro que tem, entre suas atribuições, a de instituí-los e ministrá-los: dois, de aperfeiçoamento de professores e um, de delegados regionais de ensino, todos promovidos pelo Departamento de Educação do Estado de S. Paulo, e já venceu o seu primeiro semestre o curso latino-americano de especialistas em educação, inaugurado a 17 de março deste ano, por iniciativa da UNESCO e sob o patrocínio dos Ministérios da Educação e da Cultura e das Relações Exteriores. De uns e outros coube a coordenação geral, por designação do Diretor do Centro, ao Prof. Joel Martins, segundo planos estabelecidos em comum, quanto aos primeiros, entre o Centro e o Diretor do Departamento de Educação, Prof. Carlos Corrêa Mascaro, e no que concerne ao

último, com os representantes da UNESCO, em suas várias viagens a São Paulo (Pesquisa e Planejamento, 1958, p. 3).

Sobre a equipe da instituição, assim a publicação as descreve, valorizando os trabalhos que eram desenvolvidos:

Com suas equipes de pesquisadores, assistentes e auxiliares de pesquisa e estagiários, trabalham intensamente em investigações científicas, no plano educacional e social, as três Divisões, já organizadas – a de Estudos e Pesquisas Sociais, a de Estudos e Pesquisas Educacionais e a de Aperfeiçoamento do Magistério, respectivamente sob a direção dos Professores Renato Jardim Moreira, Dante Moreira Leite e Joel Martins, todos licenciados pela Faculdade de Filosofia, da Universidade de São Paulo, e os dois últimos, doutores pela mesma Faculdade, em que os três iniciaram, como assistentes, sua carreira profissional. (Pesquisa e Planejamento, 1958, p. 4).

No começo de 1959, Joel Martins resolve abandonar o cargo da DAM de forma inesperada para os demais parceiros do órgão de pesquisa. O intelectual viajou a convite para os Estados Unidos para exercer a função de especialista na Organização dos Estados Americanos (OEA), órgão da UNESCO. O convite se concretizou, como mencionado anteriormente, graças ao vínculo que criou na organização dos cursos de pesquisadores para a América Latina. Em seu lugar, assumiu ao cargo Heládio Gonçalves Antunha.

O intelectual manteve, após a mudança, um constante diálogo por meio de cartas com seu então chefe no CRPE-SP, Fernando de Azevedo.

Nestes documentos encontramos Joel Martins pedindo desculpas por sua decisão e, ao mesmo tempo, justificando-a em carta de 11 de janeiro de 1959:

[...] Creia-me Professor Fernando, se isto lhe é possível, não tinha intenções de permanecer aqui indefinidamente quando lhe falei. Tinha sérias dúvidas sobre o que deseja fazer. Não sei se o meu contrato será renovado, pois ele é e era provisório, apenas para que eu me permitisse trabalhar no meu livro que estou fazendo, e está bastante adiantado. Entretanto, iniciei novos cursos e estou estudando bastante como sempre o desejei, e segundo as expectativas que se me apresentam devo permanecer aqui mais do que pensei e do que havia planejado.

---

Entretanto, o futuro como sempre é incerto e o dia de amanhã imprevisto. (MARTINS, 1959a).

Após a retratação, diz que, quando voltasse ao país, não descartava a possibilidade de voltar à instituição, havendo a possibilidade. Ressalta também que, provavelmente, pessoas dentro do CRPE-SP teriam criticado sua conduta:

Para ser franco e não me permitir reservas algumas, tenho sonhado que estou voltando para o Brasil e que me apresentei ao senhor, no Centro de Pesquisas de São Paulo. O senhor pode pensar que estou exagerando e que o meu comportamento só pode ser comparado a de um adolescente, a verdade, porém, meu caro Professor é que ninguém se pode escapar a si mesmo, e que só se pode estar feliz e prosseguir-se no trabalho que se realiza quando se está em paz consigo mesmo. (...) Em nada me importa o pensamento da maioria dos indivíduos que cercavam em São Paulo e que julgam o meu comportamento como uma deserção em fuga. A sua amizade, porém, e a sua confiança são condições essenciais para mim. Não tive e nunca a intenção de magoá-lo e de enganá-lo. Se não conversei com o senhor mais detalhadamente foi apenas porque não tinha a certeza do que ia fazer e, sem essa certeza do que eu desejava fazer não queria magoá-lo e bem trazer-lhe maiores tristezas. (...) Sei que o Centro continua na vanguarda do trabalho de pesquisa na América Latina. As poucas informações e as cartas dos bolsistas têm causado uma grande impressão aqui na União Pan Americana. Sempre que se fala do Centro de Pesquisas é impossível separá-lo de sua pessoa, pois todos sabemos que somente a sua energia e capacidade de ação é capaz de colocar tantos indivíduos juntos e fazê-los produzir como estão produzindo (MARTINS, 1959a).

As cartas são um tipo de fonte que propicia compreender o clima do ambiente em que estavam inseridos. Mesmo sendo um diálogo privado, esse tipo de correspondências possui intencionalidade pública fruto da projeção que ambos construíram na carreira. É um tipo de documento que deixa evidente a subjetividade das pessoas públicas, é relevantes para a análise histórica, pois permite ao pesquisador verificar vínculos entre os correspondentes, dados sobre o contexto das correspondências e o tipo de relação entre os envolvidos no diálogo. Como explica Malatian, as cartas são:



Repositórios de introspecção, as missivas eram trocadas entre grupos detentores de códigos específicos, com exigências de sociabilidades próprias. Longe de serem espontâneas, adquiriram uma dimensão cada vez mais normatizada em preceitos de forma e conteúdo, conforme a posição social dos correspondentes. Nada impediu, porém, que houvesse transgressões saborosas, espontaneidade e defesas desativadas. (MALATIAN, 2009, p. 198-199).

Joel Martins afirmava haver um complô contra ele dentro da instituição, que comprometia sua imagem junto a Fernando de Azevedo<sup>5</sup>. Em 28 de setembro de 1959 volta ao assunto com seu ex-professor e chefe:

O senhor bem pode imaginar o sentimento de aborrecimento e de tristeza que tomaram conta de mim, quando soube que o senhor estava tão magoado e aborrecido com a minha viagem. É uma pena Prof. Fernando que as pessoas alheias a nossa amizade e inconscientes das cousas que estão fazendo, tenham interferido, telefonado para sua casa, a fim de colocá-lo a par de assuntos que só cabem ao senhor e a mim discutirem e decidirem. É uma pena, ainda, que as pessoas que se dizem muito nossas amigas não poupem oportunidades para nos causarem dissabores. (MARTINS, 1959b).

Na experiência internacional, Joel lamentava seu distanciamento tanto do ambiente de trabalho quanto dos amigos e da família. Segundo as cartas a Fernando de Azevedo, sua saída teria se dado de forma precipitada, e postulava a possibilidade em voltar. Além disso, não recebia notícias constantes do país e do seu meio, como disse em carta de 10 de dezembro de 1959: “Não tenho tido notícias do progresso intelectual do Centro, pois as publicações aqui não chegam, a não ser algumas cartas esparsas dos bolsistas, chorosos por que se vão e sentindo perder a hospitalidade que lhes foi dada no CRPE de São Paulo” (MARTINS, 1959c).

---

<sup>5</sup> Nos depoimentos e em entrevista de Silvia Lane, analisadas por Mustapha (2014), é evidente que Joel Martins era uma figura que criava conflitos e uma personalidade difícil de lidar. Nas cartas percebe-se que, sua saída do CRPE-SP, se deu mais por problemas internos que por uma opção isolada.

Com o teor de lamentação e das solicitações de desculpas, seu contato com Azevedo torna-se mais estreito, ganhando menção de conselheiro quanto a assuntos do CRPE. Pelas correspondências percebemos que, no começo da nova década, o diretor da instituição já demonstrava estar desgastado no ambiente, e pensava abandonar a gestão. Em carta de 12 de dezembro, respondida apenas no dia 28, Joel Martins recomenda que permaneça no cargo:

Acho mesmo, professor Fernando, que é importante neste momento de vida porque passa a instituição, que o senhor mesmo fundou e deu vida, de início de grandes obras e de grandes trabalhos, que o senhor permaneça um pouco mais de tempo. Ainda que sua estada seja como supervisor responsável pela direção do Centro e que as atividades sejam distribuídas equitativamente entre os indivíduos que o senhor poderá recrutar e que sejam de sua confiança, parece-me de fundamental importância a sua permanência na Instituição. Um centro de pesquisas desenvolve-se muito lentamente e não pode dar saltos; algumas gerações precisam dedicar suas vidas como um sacrifício vicário para que a instituição tenha vida. Creio que é este sacrifício que poucas pessoas estão em condições de compreender, inclusive eu mesmo demorei muito tempo para entendê-lo (MARTINS, 1960a).

Explica que a experiência internacional tinha dado a ele outro olhar sobre a instituição de pesquisas, e que, se houvesse mudança na gestão, o projeto poderia ruir. Ao mesmo tempo, critica o Conselho Administrativo da instituição e sua falta de unidade em torno do plano de trabalho:

Estou certo e seguro, Professor Fernando, de que com a sua saída a instituição perderá sua unidade, sua homogeneidade e sua segurança. Também estou certo de que o senhor precisa de assistência técnica segura, unitária e desinteressada na administração das responsabilidades do Centro e que deve ser representada por um Conselho de Administração formado por pessoas equilibradas e não emocionalmente envolvidas em problemas pessoais. Não sei como tal Conselho poderia ser organizado, mas estou seguro de que o atual Conselho de Administração (neste caso refiro-me ao Conselho do tempo em que trabalhei com o senhor no Centro) nunca lhe deu e nem lhe poderia dar um apoio de que o senhor necessita (MARTINS, 1960a).

Pondera, por outro lado, em carta de 31 de maio de 1960 que, por motivos de saúde, Azevedo deveria evitar se exceder em trabalhos da instituição. E novamente ataca o Conselho de Administração, dessa vez deixando claro quem seria seus “inimigos” dentro da instituição:

O senhor sabe bem que a única razão porque vim para cá foi porque desejaria estudar mais e, além disso, ainda que sempre me sentisse sustentado pelas suas mãos fortes e pela certeza de sua amizade, não poderia enfrentar a oposição do Conselho de Administração. O senhor sabe muito bem o que passou para acalmar Dr. Milton da Silva Rodrigues na sua fúria contra mim e sabe também da conversa íntima do Professor Quirino, em sua casa, quando convidou-me para “jantar” e ao mesmo aproveitou-se da oportunidade para “vender-me” a idéia [sic] de que eu deveria afastar-me do Centro por ser demasiado “americano” e até certo ponto “marginal”. Estas cousas, meu caríssimo Professor Fernando estou procurando relembrar, apenas para ratificar minha amizade, minha estima e minha confiança no senhor (MARTINS, 1960b).

E diz que Heládio Antunha, que o substituiu no cargo do DAM, foi um mediador nessa transição pessoal e profissional:

Afastei-me do Centro, o mais polidamente possível, num momento psicológico, para evitar dificuldade para o senhor, deixando em meu lugar uma pessoa capaz, idônea e acima de tudo sua amiga. O professor Heládio sabe muito bem a conversa longa e demorada que tivemos em que lhe disse que o segredo de um sucesso profissional consiste no respeito e na admiração assim como na aceitação incondicional de seu superior. Creio, Professor Fernando que o Professor Heládio tem vivido de acordo com estes princípios pois assim espero e saí do Centro convencido de que assim iria ele agir (MARTINS, 1960b).

Termina a missiva explicando que não havia clima para que permanecesse no CRPE/SP e que a concepção de muitas pessoas, internas ou externas à instituição a enxergavam como ambição pelos recursos financeiros que existiam:

O senhor sabe Professor Fernando, que eu criei uma série de dificuldades com alguns dos pesquisadores ao meu redor, e que me seria impossível continuar sem aumentar tais tensões. O trabalho do Centro é muito árduo e muito difícil, pois foi criado,

inicialmente, sob os alicerces de um mito que se generalizou por todas as partes, o célebre mito do El-Dorado; o Centro de Pesquisas contava com verbas fabulosas. Esse estereótipo se generalizou não apenas para as pessoas que viam o Centro à distancia, mas também passou a existir nas mentes daqueles que vieram a habitar a instituição. É uma pena que os indivíduos se deixem levar tão extremamente por valores materiais mais do que pelos valores que persistem. Enfim esta parece ser uma condição de vida que não se pode evitar e é preciso enfrentá-la. Sei muito bem que o senhor sabe enfrentá-la muito bem e que não terá qualquer [sic] dificuldades em encontrar sempre a melhor solução, como sempre o fez, para os problemas que possam existir no Centro (MARTINS, 1960b).

A cobiça do ambiente, com projeção e recursos, gerou tensões que conduziram à destituição do diretor do DAM, segundo suas reflexões nas cartas com seu ex-chefe.

Nos meses subsequentes, Joel Martins mantém contato com Fernando de Azevedo falando de sua experiência internacional, agora residindo na França. O CRPE/SP volta à pauta no diálogo dos dois personagens em 9 de novembro de 1960, por causa de um mal-entendido criado por Oscar Veras na UNESCO, como explica em carta:

Venho, agora, importuná-lo, pedindo-lhe um favor muito grande. Acontece que Oscar Veras, pessoa que sempre mostrou-se muito amigo, e que o senhor sabe o tratamento que sempre recebeu quando estive em S. Paulo, é um hipócrita e mentiroso muito grande. Imagine o senhor que este homem, na minha ausência, teve a coragem de fazer uma série de afirmações a meu respeito, aqui na UNESCO, que põem em jogo minha responsabilidade moral e profissional. Disse ele ao Chefe da Divisão e a outras pessoas de nossas relações que o senhor viu-se obrigado a dispensar meus trabalhos do Centro Regional de Pesquisas, como coordenador do Curso por razões de ordem moral e que eu não mais poderia continuar a trabalhar no Centro. (MARTINS, 1960c, grifos do autor).

Devido a essa acusação, solicita a Fernando de Azevedo um atestado sobre a natureza de seu trabalho no CRPE e sobre o seu caráter profissional, com resposta prontificada do mesmo em sua defesa de solicitação ao atestado de idoneidade.

Ainda no fim de 1960, em 23 de novembro de 1960, novamente a possibilidade do desligamento do sociólogo paulista do CRPE-SP volta à tona na conversa. E, novamente, Joel Martins lhe sugere manter-se à frente da direção. Menciona ainda a possibilidade de voltar em breve ao país:

Professor Fernando, sei que não tenho direito de pedir-lhe nada que se refira à vida profissional, pois senhor deu mais do que toda esta nova geração posta junta, mas, si [sic] o senhor pudesse resistir um pouquinho mais à aposentadoria do Centro, seria muito bom. As perspectivas de futuro parecem-me muito pobres no que se refere ao futuro do Centro, sem a sua orientação. Como amigo desejaria oferecer meus préstimos para tudo aquilo que o senhor precisar. Como já lhe disse anteriormente, sinto-me feliz e contente, pronto para voltar quando seja necessário. Ao voltar, pretendo assumir minhas aulas no Instituto de Educação, onde faltam-me cinco anos para aposentar-me, completando trinta anos de exercício! Comecei muito cedo, Professor Fernando, tinha eu apenas quinze anos quando precisei iniciar o trabalho para ganhar a vida e continuar meus estudos. Dessa forma, somando todos os anos de trabalho, nos diversos institutos e repartições, aos 45 anos poderei aposentar-me. O oferecimento de meus préstimos não significa uma imposição, mas, simplesmente a minha adesão completa e irrestrita à sua administração do CRPE. (MARTINS, 1960d).

No começo de 1961, recebeu convite do CRPE para voltar a dirigir o DEPE, por intermédio de Heládio Antunha, como menciona em carta de 31 de janeiro:

Após conversar longamente com Heládio, no dia 9 de janeiro, quando chegou a Paris, contou-me ele da conversa que teve com o senhor e do oferecimento que o senhor fazia da Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais. Fico-lhe muito grato Professor Fernando pela prova de confiança e de amizade com que o senhor sempre tem me lisonjeado. Um contentamento, porém, é maior ao vê-lo entusiasmado e integrado na obra que o senhor iniciou e que a meu ver só o senhor poderá continuar. (MARTINS, 1961).

Explica que seus planos em curto prazo eram voltar ao país e que poderia trabalhar novamente com Fernando de Azevedo na instituição se houvesse a possibilidade:

Quanto a meus planos a mudança de Ministério ou as formas que o governo tomar não afetam minhas decisões. Voltarei ao Brasil tão cedo termine minhas obrigações imediatas aqui. Espero poder voltar neste primeiro semestre com certeza. Meu contrato termina em Abril, conforme o regulamento da casa todo o funcionário ao sair precisa fazer um relatório colocando os trabalhos em ordem para que qualquer outro possa continuar. Esta condição põe-me em obrigação de permanecer o mês todo de Maio. Voltarei para o Brasil, portanto em Junho, quando tomarei o vapor creio que em Le Havre ou em Marseille. Dessa forma, Professor Fernando, estarei às suas ordens para o que precisar no segundo semestre, definitivamente, se as cousas saírem como o senhor espera e si [sic] o senhor permanecer no Centro como desejo de todo o coração e sinceridade. De outra forma assumirei minhas funções na Escola Normal Padre Anchieta para dar minhas aulas de Psicologia. (MARTINS, 1961).

De fato, pouco tempo depois Joel Martins voltou ao país. Seu retorno fez que se esgotassem as missivas com Fernando de Azevedo, no arquivo pessoal do intelectual, pertencente ao IEB-USP. Esse aspecto nos coloca a dúvida do tipo de sociabilidade existente entre ambos. O aspecto quantitativo nesse caso mostra que a distância e o vínculo da OEA com o Centro de Pesquisa podem ter sido o motivo de proximidade intencional entre os dois, ou ainda algum outro motivo pode ter distanciado os intelectuais. O exercício epistolar, nesse caso, deve ser analisado como se deu as estratégias de atuação na vida pública desses personagens<sup>6</sup>.

O que haveria levado o término da correspondência entre esses dois intelectuais? Aparentemente, Joel Martins demonstrou estar mais à vontade num exercício privado com Azevedo – a correspondência – do

---

<sup>6</sup> O término da comunicação por cartas entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira também coincide com a saída do intelectual do CRPE-SP. Este fato deixa evidente que os interesses profissionais e políticos predominavam nesse tipo de relação. Os dois voltaram a se comunicar apenas em 1969, quando ambos estavam aposentados. A esse respeito ver Vidal (2000).

que nas práticas públicas e, simbolicamente, as cartas no período do estudo, era uma forma objetiva de relações entre os intelectuais.

Ao voltar, Joel Martins assumiu a cadeira de professor de Psicologia na Faculdade Sedes Sapientiae<sup>7</sup> em São Paulo, como lembra em entrevista:

Bem, daí eu vim para o Brasil, e disse: bom, (risos) agora o que é que eu vou fazer no Brasil, mas... Vim porque, vim porque o Janio tinha sido eleito governador... presidente do Brasil e um jornal, o “Le Monde” – é um jornal muito influente, muito importante, é um jornal político muito sério – e ele, então chamava a atenção de todos os brasileiros que estavam fora do país, que pudessem dar um auxílio ao seus país, que agora era hora de voltar, porque um presidente jovem, cheio de vida, dinâmico, com ideias socialistas, etc., deviam voltar para o Brasil. Eu não me influenciei muito por isso, eu voltei porque eu queria voltar, eu queria ter uma casa, eu queria ter uma empregada, que servisse à mesa, eu estava cansado de ser um indivíduo vivendo assim como um “judeu errante”... um “hóspede do mundo”... não queria ser mais isso. E vim para cá e fui muito feliz, achei uma excelente empregada que ficou na minha casa quinze anos. E o que eu ia fazer então. Eu não tinha muito o que fazer, mas fui trabalhar no Sedes Sapientiae, dar aula de Psicologia no Sedes. E era uma escola que prometia muito, que tinha muito interesse naquilo que eu estava fazendo, etc. (MARTINS, 1993, p.11).

Joel Martins não voltou a trabalhar com Fernando de Azevedo no CRPE. O diretor deixaria o cargo em 4 de fevereiro 1961, quando recebeu o convite de Prestes Maia, então prefeito de São Paulo, para ocupar o cargo de Secretário Municipal da Educação e Cultura, tomando posse em 14 de abril.

## Conclusões

Não se sabe se foi pelo direcionamento do questionário de Silva (1993), por lapso ou ocultação de Joel Martins. Mas, na entrevista o intelectual não mencionou em nenhum momento sua passagem pelo

---

<sup>7</sup> A Sedes Sapientiae agregou-se a Pontifícia Universidade Católica em 1971.

CRPE/SP e seu contato proximal a Fernando de Azevedo durante e após sua atuação na instituição. Em outra entrevista analisada para Buffa; Nosella (1991) a experiência na instituição também foi deixada de lado em seu relato profissional.

Este silêncio sobre sua atuação na instituição refletiu nos trabalhos desenvolvidos sobre este intelectual. Nas cartas analisadas, foi possível compreender uma atuação pouco apontada em trabalhos biográficos sobre Joel Martins e ocultados nas entrevistas que o intelectual concedeu.

A hipótese defendida é que a ocultação desta experiência, que inclusive lhe credenciou a fazer intercâmbio internacional e aprofundar seus estudos no campo da educação, se deveu aos conflitos que enfrentou no cargo e seu conturbado afastamento. A política por espaços institucionais dentro da instituição gerou disputas internas em espaços como o DAM, que o intelectual dirigia e que, inclusive, gerariam a demissão de outro diretor, Renato Jardim Moreira, do DEPS, e a própria saída de Fernando de Azevedo do espaço em 1961, analisados por Mustapha (2014).

Na época de fundação da instituição, o diretor elogiava a equipe construída. Em ofício da instituição encaminhado a Anísio Teixeira em 24 de janeiro de 1957, Fernando de Azevedo fala elogiosamente da escolha de seus diretores:

Os Profs. Joel Martins e Renato Jardim Moreira, respectivamente Diretor da Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais e da Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais, têm sido incansáveis, no desempenho de suas funções de alta responsabilidade, prestando ao Centro a valiosa cooperação que já se esperava, de sua competência, do seu entusiasmo e de suas energias (Pesquisa e Planejamento, 1956, p. 156).

Ou seja, foi no clima da instituição que os problemas pessoais foram formados. O que não leva a desconsiderar as contribuições epistemológicas que trouxeram ao ambiente do CRPE/SP e as relações dentro desse ambiente.



Suas experiências com Psicologia Experimental, leituras e apropriações sobre o experimentalismo e fenomenologia e sua atuação no projeto educacional da Pontifícia Universidade de São Paulo, foram precedidas de sua atuação no Centro Regional de Pesquisas Educacionais, o que nos faz ressaltar a importância do núcleo interno daquele espaço institucional como fundamental para sua posterior trajetória.

O Centro Regional de Pesquisas Educacionais foi uma instituição fundamental nos anos 1950 para a sistematização de pesquisas em Psicologia, Sociologia e Antropologia, além da contribuição para que a escola se tornasse centro do objeto de estudo em estudos sobre a educação brasileira. Os resultados encontrados dentro daquela experiência histórica podem contribuir para a compreensão da constituição destes campos científicos no país.

\* \* \*

### **Fontes selecionadas do Arquivo Fernando de Azevedo - Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP)**

MARTINS, J. 1959a. Carta a Fernando de Azevedo, de 11 de janeiro de 1959. Arquivo Fernando de Azevedo IEB/USP. FA- CP. CX20, 41/2.

\_\_\_\_\_. 1959b. Carta a Fernando de Azevedo, de 11 de janeiro de 1959. Arquivo Fernando de Azevedo IEB/USP. FA- CP. CX20, 41/2.

\_\_\_\_\_. 1959c. 28 de setembro de 1959. Arquivo Fernando de Azevedo IEB/USP. FA- CP-CX20, 42.

\_\_\_\_\_. 1960 a. Carta a Fernando de Azevedo, de 3 de janeiro de 1960. Arquivo Fernando de Azevedo IEB/USP. CP- CX 20, 45.

\_\_\_\_\_. 1960b. Carta a Fernando de Azevedo, de 31 de maio de 1960. Arquivo Fernando de Azevedo IEB/USP. FA – CP. CX 20, 46.

\_\_\_\_\_. 1960c. Carta a Fernando de Azevedo, de 3 de novembro de 1960. Arquivo Fernando de Azevedo IEB/USP. FA – CP CX 20, 49.

\_\_\_\_\_. 1960d. Carta a Fernando de Azevedo, de 9 de novembro de 1960. Arquivo Fernando de Azevedo IEB/USP. FA – CP. CX 20, 50.

\_\_\_\_\_. 1961. Carta a Fernando de Azevedo, de 31 de janeiro de 1961. Arquivo Fernando de Azevedo IEB/USP. FA – CP. CX 20, 52.

## Periódico consultado

Pesquisa e Planejamento [Boletim Anual do CRPE/SP]. São Paulo: CRPE/SP. Consultados vol. I, de junho/ 1957 ao vol. V, de junho/ 1962. Localização da coleção consultada: Biblioteca Nadir Kfoury da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

## Referências

BICUDO, M. A. V. ESPÓSITO, V. H. C. Joel Martins, a coragem de ser educador. In: GARCIA, W. E. *Educadores Brasileiros do Século XX*. Vol. I. Brasília: Plano Editora. 2002.

BUFFA, E. NOSELLA, P. *A educação negada: introdução ao estudo da educação brasileira contemporânea*. São Paulo: Cortez. 1991.

CUNHA, M.V.. A Educação no Período Kubitscheck: os Centros de Pesquisas do INEP. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília: INEP, v. 72, n. 172; mai. / ago. 1991.

FERREIRA, M. S.. *O Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (1956/1961)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação/Universidade de São Paulo, 2001.

GONÇALVES, M. C.. *Uma incursão nas relações entre educação e ciências sociais em São Paulo através da revista Pesquisa e Planejamento (1955-1964)*. Dissertação de mestrado. São Paulo. PUC/SP, 1997.

GOUVÊA, F. C. F. *Tudo de novo no Front: O impresso como estratégia de legitimação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (1952-1964)*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC/RJ. 2008.

MALATIAN, T. Cartas: Narrador, registro e arquivo. IN: PINSKY, C. B. LUCA, T.R. (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo; Contexto. 2009.

MALUHY, C. V. Os especialistas em educação para a América Latina. Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade. PUC, São Paulo. 2010.

- MARTINS, J. [Entrevista]. In: SILVA, Sônia Aparecida Ignácio. *Educação/cultura na memória de profissionais da educação: reflexões sobre experiências na escola pública paulista (1930-1950)*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. V. II, Anexo, Depoimento I, p. 1-34. 1993.
- MUSTAPHA, S. A. S. *Trajetória e atuação dos intelectuais e técnicos nas Divisões de Pesquisa do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo em sua primeira fase (1956-1961)*. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduandos em Educação: História, Política, Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2014.
- PULICI, C. *Entre Sociólogos: versões conflitivas da “condição de sociólogo” na USP dos anos 1950-1960*. São Paulo: Edusp/ Fapesp. 2008.
- SAVIANI, D. O protagonismo do professor Joel Martins na pós-graduação. *Revista Brasileira de Educação*. n.30. Set./Dec. 2005.
- VIDAL, D. G. (org.). *Na Batalha da Educação: Correspondência entre Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (1929-1971)*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2000.
- XAVIER, L. N. *O Brasil Como Laboratório. Educação e Ciências Sociais no Projeto dos centros Brasileiros de Pesquisas Educacionais CBPE/ INEP/ MEC (1950 -1960)*. Bragança Paulista (SP). Ed. Universidade São Francisco, 1999.

Recebido em 17 de novembro de 2017.  
Aprovado em 13 de março de 2018.